

## “Apologia de Sócrates” (Platão)

Começa ele fazendo discurso, seguindo com o que ele faz diariamente e aspectos de sua vida.

Após sua defesa, o texto relata suas tentativas de diminuição de pena, para depois fazer uma “profecia”, em forma de censura, na qual diz aos juízes que estes viverão sem problemas de consciência após pronunciarem sua morte.

Antes mesmo da sua defesa, os seus acusadores tinham informado aos cidadãos que estivessem prevenidos para a oratória de Sócrates se não quisessem ser enganados, ao tempo que o mesmo provasse a sua inocência. Porém, ainda em sua declaração de abertura, Sócrates declara não ser nem humorado, nem um retórico, de modo que utiliza a linguagem comum para que todos possam seguir o seu raciocínio, e concluindo que todos ali presentes deveriam julgar sua causa e não estes outros elementos acessórios, como o seu modo de falar.

Porém, ainda em sua declaração de abertura, Sócrates declara não ser nem um orador, nem um retórico, de modo que utiliza a linguagem comum para que todos possam seguir o seu raciocínio, e concluindo que todos ali presentes deveriam julgar sua causa e não estes outros elementos acessórios, como o seu modo de falar. Assim introduzido, Sócrates parte para sua defesa, respondendo à duas acusações distintas. A primeira, mais antiga e ampla (temendo mais esta do que a segunda) e a segunda, atual, feita por três acusadores presentes no tribunal. Sendo “a mais antiga”, a primeira, um compêndio de queixas contra sua conduta que foram acumuladas através dos anos, na qual é tido como um criminoso por conta de suas “visões” difundidas. Declarando tais acusações falsas, defende-se citando a comédia de Aristófanes, *As Nuvens*, na qual um personagem chamado Sócrates diz poder andar pelo ar, o que não contribuiu muito para sua, já, má reputação. Ainda dizia-se, outro rumor, que este investigava matérias sobrenaturais, da qual se defendeu dizendo nunca ter se interessado por ciências práticas (apesar de admirar físicos, não considerando-os maldosos em seu trabalho) e sim que suas maiores preocupações versavam sobre a conduta moral e a felicidade da alma.

Depois de dito isto, concentra-se em acusações mais específicas proferidas por Metelo, seu principal acusador, interrogando-o sobre a acusação de que seria um demônio, um ateu que procurava criar os seus deuses. Fazendo-o de forma simples e direta, faz com que Metelo confunda seu próprio discurso, tornando-se evidente, para todos os presentes no tribunal, que este não tinha formulado bem suas acusações e nem seus possíveis desdobramentos. Metelo confunde-se novamente ao parecer acusar Sócrates de ser ateu, como de inventar novos deuses.

Feito isto, Sócrates, parte para outro importante questionamento, julgando o próprio que deveria alterar seu estilo de investigação e ensino para com que afastasse sua execução. Comparando sua situação com seu comportamento notório em campos de batalha, em tempos que servia o exército, assim sendo julga a morte preferível a desgraça, escolhendo viver de acordo com seus ideais e deuses, do que fazer o contrário descumprir a sua missão de filósofo.